
“CUÁNTAS DIMENSIONES MIDE LA EMPATÍA? EVIDENCIA EMPÍRICA ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REACTIVIDAD INTERPERSONAL EN BRASILEÑO”

"HOW MANY DIMENSIONS MEASURE EMPATHY?
EMPIRICAL EVIDENCE MULTIDIMENSIONAL SCALE OF INTERPERSONAL
REACTIVITY IN BRAZILIAN"

“QUANTAS DIMENSÕES MENSURAM A EMPATIA?
EVIDÊNCIA EMPÍRICA DA ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE REATIVIDADE
INTERPESSOAL EM BRASILEIROS”

Investigadores: Nilton S. Formiga¹, Leonardo R. Sampaio² y Pamela Rocha B. Guimarães³
Faculdade Internacional da Paraíba/Laureate International Universities, Brasil. João Pessoa,
PB – Brasil. Universidade Federal do Vale do São Francisco – Petrolina, PE, Brasil

CDID “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de Psicología Científica”⁴
Universidad Católica “Ntra. Sra. De la Asunción”

94

Recibido: 05 de enero de 2015

Aceptado: 30 de Abril de 2015

Resumen

Se define la empatía como una respuesta afectiva origen evolutivo más adecuado de la situación de la que no sea el propio observador. En Brasil, algunas escalas de medición esta construcción, entre ellos, destacan la multidimensional Davis reactividad interpersonal, que tiene un cuerpo de teoría y operación muy organizada. En Brasil, esta escala fue adaptada y validada: un estudio exploratorio fijado en tres dimensiones y en otro estudio, de confirmación, se demostrara cuatro factores.

¹ Correspondencia remitir a nsformiga@yahoo.com Nilton Formiga. Doutor em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor do na Faculdade Internacional da Paraíba/Laureate International Universities; Endereço correspondência: Rua Lionildo Francisco de Oliveira, 380. Bairro dos Estados. CEP.: 58030-216. João Pessoa - PB. Brasil.

² Correspondencia remitir a leorsampaio@yahoo.com.br Leonardo Sampaio. Doutor em Psicologia Cognitiva pela UFPE; professor do Colegiado de Psicologia da UNIVASF. Coordenador do Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP).

³ Correspondencia remitir a pamisbagano@hotmail.com Pamela Rocha. Psicóloga pela UNIVASF. Membro do Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP).

⁴Correspondencia remitir a revistacientificaeureka@gmail.com, norma@tigo.com.py “Centro de Documentación, Investigación y Difusión de Psicología Científica”, FFCH-Universidad Católica de Asunción-Paraguay.

Teniendo en cuenta los resultados de dos estudios que abordan las limitaciones psicométricas presentados en el estudio exploratorio, tenemos la intención de evaluar, a partir de un análisis del modelo estructural, si tres o cuatro factores son más apropiados para medir la empatía. 651 sujetos, hombres y mujeres, mayores de 17 y 27 años, mayor nivel educativo de los encuestados Escala Multidimensional de la reactividad interpersonal. Se observó indicadores psicométricos para garantizar la coherencia estructural de la escala de reactividad interpersonal medido cuatro factores para muestras brasileñas.

Palabras Clave: Empatía, Jóvenes, Modelo Estructural.

Resumo

Define-se empatia como uma resposta afetiva de origem evolutiva mais apropriada à situação do outro do que à do próprio observador. No Brasil, algumas escalas mensuraram esse construto; dentre elas, destaca-se a escala multidimensional de reatividade interpessoal de Davis, por ter um corpo teórico e operacionalização bastante organizada. No Brasil, adaptou-se e validou-se esta escala: em um estudo exploratório estabeleceu três fatores e, em outro estudo, confirmatório, quatro fatores foram comprovados. Considerando os resultados dos dois estudos, especificamente, as limitações psicométricas apresentadas no estudo exploratório, pretende-se avaliar, a partir de uma análise de modelagem estrutural, se três ou quatro fatores são mais adequados para mensurar a empatia. 651 sujeitos, do sexo masculino e do sexo feminino, com idades de 17 e 27 anos, do nível educacional superior responderam a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal. Observaram-se indicadores psicométricos que garantiram a consistência estrutural da escala de reatividade interpessoal mensurada em quatro fatores para amostras brasileiras.

Palavras Chave: Empatia, Jovens, Modelagem Estrutural.

Abstract

It is defined empathy as an affective response more appropriate evolutionary origin of the other's situation than that the observer himself. In Brazil, some scales measured this construct, among them, we highlight the multidimensional Davis interpersonal reactivity, having a body of theory and very organized operation. In Brazil, this scale was adapted and validated: an exploratory study set in three dimensions and in another study, confirmatory, four factors were proven. Considering the results of two studies addressing the psychometric limitations presented in the exploratory study, we intend to evaluate, from a structural modeling analysis, if three or four factors are more appropriate to measure empathy. 651 subjects, male and female, ages 17 and 27 years, higher educational level of respondents Multidimensional Scale of the Interpersonal Reactivity. It was observed psychometric indicators to ensure structural consistency of the interpersonal reactivity scale measured four factors to Brazilian samples.

Keywords: Empathy, Young, Structural Modeling.

Introdução

A empatia refere-se a uma disposição funcional das pessoas para as trocas de experiências expostas, incondicionalmente, em relação ao outro (Wispé, 1990; Decety & Jackson, 2004; Decety, 2005; Enz & Zoll, 2006; Decety, Michalska & Akitsuki, 2008).

Esse construto pode ser definido como uma resposta afetiva de origem evolutiva que é mais apropriada à situação do outro do que da própria pessoa; teoricamente, uma é pessoa considerada empática é capaz de experimentar vicariamente emoções sentidas por outra pessoa, adotar o ponto de vista do outro, compreender suas motivações e necessidades e atribuir atitudes e comportamentos ao outro com a função de prover ajuda, agregação, cuidado, justiça e solidariedade (Mehrabian & Epstein, 1972; Davis 1983; Eisenberg & Strayer, 1990; Batson, Tricia, Highberger & Shaw, 1995; Hoffman, 2000; Batson, Eklund, Chermok, Hoyt & Ortiz, 2007).

No Brasil as concepções teóricas sobre o construto da empatia estão distribuídas em vários estudos da ciência psicológica e afins (Camino, 1979; Cecconello & Koller, 2000; Ribeiro, Koller & Camino, 2002; Echer, 2005; Oliveira & Rodrigues, 2005; Pavarino, Del Prete & Del Prete, 2005; Motta, Falcone, Clark & Manhães, 2006; Saupe & Budó, 2006; Tavares, 2006; Falcone, Gil & Ferreira, 2007; Falcone et al., 2008).

Nestes estudos, a forma e o tipo de mensuração da empatia tem se apresentado, operacionalmente, com inúmeras variações na concepção e construção do construto destinado a adaptação e validade dos instrumentos de medida.

Apesar da diversidade da mensuração, no Brasil, as escalas (por exemplo, Contagio Emocional, Habilidades Sociais e Inteligência Emocional, Inventário De Empatia, Empatia Focada em Grupos) têm contribuído para suprir o problema da medida desse construto (Siqueira, Barbosa & Alves, 1999; Bandeira, Costa, Del Prette, Del Prette & Gerk-Carneiro, 2000; Ribeiro et. al., 2002; Del Prette & Del Prette, 2005; Gouveia, Guerra, Primi, Bueno & Muniz, 2006; Woyciekoski, 2006; Falcone et. al., 2008; Galvão, Camino, Gouveia & Formiga, 2010).

Todas as escalas supracitadas buscam, conceitualmente, avaliar a capacidade do ser humano, em relação ao pensar, sentir e agir, na e com a experiência do outro, com o objetivo de qualificar sua relação social e emocional; mas, é a escala de empatia desenvolvida por Mark Davis (1983), conhecida no Brasil como Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal (EMRI), que possui um corpo teórico e de mensuração bem organizados, assim como, é a que tem sido utilizada como variável explicativa em vários estudos no Brasil que salientam variáveis psicológicas e psicossociais (Camino & Camino, 1996; Ribeiro, Koller & Camino, 2002; Sampaio, Camino & Roazzi, 2010; Sampaio, Monte, Camino & Roazzi, 2008; Rique et. al., 2010).

A importância da qualidade da escala desenvolvida por Mark Davis para avaliar a empatia deve-se, de acordo com Ribeiro et al. (2002), a perspectiva metodológica e teórica adotada pelo autor, na medida em que ele propõe um instrumento com construtos que condizem com uma visão psicogenética, evolutiva e multidimensional da empatia.

De acordo com Davis (1983), as habilidades empáticas são distribuídas em quatro construtos independentes, os quais avaliam experiências afetivas e cognitivas da pessoa, destaca-se: o construto tomada de perspectiva do outro (refere-se à capacidade cognitiva voltada para a compreensão e coordenação de percepções do outro que visem à solução de conflitos interpessoais e sociais), fantasia (refere-se a habilidade de se identificar com personagens ficcionais em novelas, filmes e romances e sentir junto com eles, uma adesão involuntária às condições afetivas de alegria, tristeza, raiva etc. e/ou de necessidade destes personagens), consideração empática (diz respeito à capacidade de avaliar e sentir com o outro, bem como do reconhecer seus afetos e necessidades, que pode ser experimentada no *self* como uma motivação de cunho pró-social que pode levar ao comportamento de ajuda) e a angústia pessoal (refere-se a um sentimento de tensão e desconforto, frente à condição de necessidade do outro, podendo gerar comportamentos de afastamento ao invés de comportamentos de ajuda).. Estudos no Brasil propuseram a adaptação e validade da EMRI; um desses primeiros estudos foi desenvolvido por Ribeiro, Koller e Camino (2002), esses autores, adaptaram e validaram esta para o contexto brasileiro e revelou consistência tanto teórica quanto empírica com indicadores psicométricos aceitáveis. Porém, Ribeiro et al. (2002) não incluíram a dimensão da fantasia, justificando que, durante o ano de realização do estudo, a partir de uma comunicação pessoal com Eisenberg, este, recomendou-se que a dimensão de fantasia não contribui à concepção do construto da empatia, bem como, não interferia na consistência psicométrica no contexto cultural dos Estados Unidos. Isto fez com que os autores brasileiros, por parcimônia, excluíssem a dimensão fantasia da escala de empatia.

Em 2010, Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011), desenvolveram dois estudos, com amostras de jovens brasileiros de 17 a 25 anos de idade, contemplando as quatro dimensões do construto da EMRI, a fim de avaliar tanto a estrutura dimensional da empatia quanto a consistência dos indicadores psicométricos da escala para uso no Brasil. A partir dos resultados destes estudos, Sampaio et al. (2011) observaram que os indicadores psicométricos garantiram a validade e consistência interna, bem como, a estrutura fatorial, confirmando a organização item-fator da EMRI de forma mais robusta; inclusive, observou que a dimensão de Fantasia foi a que apresentava maior alfa de consistência interna e média comparada aos demais fatores da EMRI. Apesar da garantia e consistência da mensuração da EMRI observada nos estudos de Ribeiro et al. (2002) em sua forma reduzida e de Sampaio et al. (2011) na forma completa, questiona-se: quantos fatores serão adequados para mensurar o construto da empatia? Com isso, pretende-se, a partir de uma análise da equação estrutural verificar tal hipótese, especificamente, quanto a organização fatorial, apontada pelos autores supracitados; afinal qual estrutura fatorial é que apresenta os melhores indicadores psicométricos? Tomando como base do estudo a perspectiva teórica de Davis (1983) e o estudo de Sampaio et al. (2011), devido a qualidade e sofisticação metodológica e estatística, para comparar ao modelo trifatorial apresentando por Ribeiro et al. (2002), espera-se que a escala que contempla os quatro fatores (tomada de perspectiva do outro, consideração empática, angústia pessoal e fantasia) seja a mais adequada para explicar o construto da empatia, já que esta organização fatorial é que contempla a proposta original de Mark Davis.

Método

Amostra

Participaram do estudo, 651 sujeitos, do sexo masculino (39%) e do sexo feminino (61%), de 17 a 27 anos ($M = 21,07$; $d.p. = 2,16$). Estes foram do nível universitário de uma instituição privada e de uma pública, da cidade de Petrolina/PE e de João Pessoa-PB. A amostra foi não probabilística, pois considerou-se o aluno que, consultado, se dispôs a colaborar, respondendo o questionário que foi apresentado.

Instrumentos

Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis – EMRI. Trata-se de um instrumento elaborado por Davis (1983) e adaptado em sua versão original por Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) para o contexto brasileiro. O instrumento é composto por 26 sentenças que descrevem comportamentos, sentimentos e características relacionadas à empatia, que são utilizadas para avaliar as seguintes dimensões da empatia:

- Angústia pessoal (AP) - avalia as sensações afetivas de desconforto, incômodo e desprazer dirigidas para o *self*, quando o indivíduo imagina o sofrimento de outrem (por exemplo, *Perco o controle quando vejo alguém que esteja precisando de muita ajuda; Fico apreensivo em situações emergenciais*, etc.);

- Consideração empática (CE) - esta dimensão relaciona-se aos sentimentos dirigidos ao outro e à motivação para ajudar pessoas em necessidade, perigo ou desvantagem (Ex: *Sinto compaixão quando alguém é tratado injustamente; Quando vejo que se aproveitam de alguém, sinto necessidade de protegê-lo*, etc.).

- Tomada de perspectiva (TP) - mede a capacidade cognitiva do indivíduo de se colocar no lugar de outras pessoas, reconhecendo e inferindo o que elas pensam e sentem (Ex: *Imagino como as pessoas se sentem quando eu as critico; Tento compreender meus amigos imaginando como eles vêem as coisas*, etc.);

- Fantasia (FS) - a primeira designa a habilidade de se colocar no lugar de outras pessoas, tomando suas perspectivas e imaginando o que elas pensam ou sentem; a subescala de fantasia avalia a tendência de transpor a si mesmo imaginativamente, colocando-se no lugar de personagens de filmes e/ ou livros (Ex: *Tenho facilidade de assumir a posição de um personagem do filme; Depois de ver uma peça de teatro ou um filme sinto-me envolvido com seus personagens*, etc.).

Cada uma destas subescalas é composta, por uma quantidade específica de itens: FS e CE, sete proposições, AP e TP, seis proposições. Todas elas foram avaliadas por escalas *likert*, que variam de 1 (“não me descreve bem”) a 5 (“descreve-me muito bem”).

Escores mais altos indicam níveis mais elevados em cada uma dessas dimensões e a soma dos escores de todas as subescalas é utilizada para calcular o nível global de empatia. O item 2 (*Sou neutro quando vejo filmes*) deve ter sua pontuação invertida, pois foi elaborado na direção contrária a dos demais itens da escala.

Além do IRI foi utilizado um pequeno questionário para levantar alguns dados sociodemográficos como idade, sexo, curso, etc. dos participantes.

Procedimientos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (Conselho Nacional de Saúde - CNS, 1996; Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP, 2000).

Administração

Quatro colaboradores com experiência prévia na administração do EMRI foram responsabilizados pela coleta dos dados, e apresentaram-se nas salas de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos dos alunos sobre as situações descritas nos instrumentos.

Solicitou-se a colaboração voluntária dos jovens no sentido de responderem um breve questionário. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa, assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada. A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas informando que estas seriam tratadas em seu conjunto. A *Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis* – EMRI foi respondida individualmente. Apesar de o instrumento ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Análise dos dados

Quanto à análise dos dados, tomando como base o estudo de Ribeiro, Koller e Camino (2002) e de Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011) realizou-se uma análise fatorial confirmatória, com o objetivo de comparar qual modelo multidimensional, previamente encontrado por esses autores, apresentaria melhores indicadores da sua estrutura fatorial.

Considerou-se como entrada a matriz de covariâncias, tendo sido adotado o estimador *ML* (*Maximum Likelihood*). Sendo um tipo de análise estatística mais criteriosa e rigorosa, testou-se a estrutura teórica que se propõe neste estudo: isto é, a estrutura com quatro fatores. Esta análise apresenta alguns índices que permitem avaliar a qualidade de ajuste do modelo proposto (Byrne, 1989; Joreskog & Sörbom, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997; Kelloway 1998; Hair, Tatham, Anderson & Black, 2005; Bilich, Silva & Ramos, 2006).

A seguir serão apresentados esses indicadores:

- O χ^2 (qui-quadrado) testa a probabilidade do modelo teórico se ajustar aos dados: quanto maior o valor do χ^2 pior o ajustamento. Entretanto, ele tem sido pouco empregado na literatura, sendo mais comum considerar sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$). Neste caso, valores entre 2 e 5 indicam um ajustamento adequado.

- *Raiz Quadrada Média Residual* (RMR), que indica o ajustamento do modelo teórico aos dados, na medida em que a diferença entre os dois se aproxima de zero (0).

Resultados e Discussão

- O *Goodness-of-Fit Index (GFI)* e o *Adjusted Goodness-of-Fit Index (AGFI)* são análogos ao R^2 na regressão múltipla e, portanto, indicam a proporção de variância-covariância nos dados explicada pelo modelo. Os valores desses indicadores variam de 0 a 1, sendo que os valores na casa dos 0,80 e 0,90, ou superiores, indicam um ajustamento satisfatório.

- A *Root-Mean-Square Error of Approximation (RMSEA)*, com seu intervalo de confiança de 90% (*IC90%*), é considerado um indicador de “maldade” de ajuste, isto é, valores altos indicam um modelo não ajustado. Assume-se como ideal que o *RMSEA* se situe entre 0,05 e 0,08, aceitando-se valores até 0,10.

- O *Comparative Fit Index (CFI)* - compara de forma geral o modelo estimado ao modelo nulo, considerando valores mais próximos de um como indicadores de ajustamento satisfatório.

- O *Expected Cross-Validation Index (ECVI)* e o *Consistent Akaike Information Criterion (CAIC)* são indicadores geralmente empregados para avaliar a adequação de um modelo determinado em relação a outro. Valores baixos do *ECVI* e *CAIC* expressam o modelo com melhor ajuste.

Para atender o objetivo principal do presente estudo, empregou-se o pacote estatístico AMOS 21.0 para efetuar uma análise fatorial confirmatória. Testou-se assim, dois modelos considerando a seguinte estrutura fatorial da Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal: (a) Modelo multifatorial reduzido, com três fatores, de acordo com a concepção de Ribeiro et al. (2002) e (b) Modelo multifatorial, o qual contempla quatro fatores, segundo a proposta teórica de Sampaio et. al. (2011). É neste segundo modelo que se espera observar os melhores indicadores de ajuste, em comparação ao modelo de Ribeiro et al. (2002). Para comprovar a estrutura proposta optou-se por deixar livre as covariâncias (ϕ , φ) entre os fatores, revelando que os indicadores de qualidade de ajuste para cada modelo se mostraram próximos as recomendações apresentadas na literatura (Byrne, 1989; Tabachnick & Fidell, 1996; Van De Vijver & Leung, 1997). De acordo com os resultados obtidos nas análises (ver Tabela 1), apesar dos dois modelos multifatoriais apresentarem indicadores estatísticos que justificam a sua fidedignidade estrutural, pode-se destacar que o modelo multidimensional completo, aquele que contempla quatro fatores, proposto por Sampaio et. al. (2011), apresentou melhores resultados em seus indicadores que comprovaram sua estrutura fatorial.

Tabela 1.

Comparação da estrutura fatorial da escala EMRI forma completa e reduzida

MODELOS	χ^2 /gl	GFI	AGFI	CFI	RMR	RMSEA	CAIC	ECVI
Trifatorial* (Escala reduzida)	1,92	0,93	0,91	0,92	0,07	0,02 (0,00-0,03)	1208,51	0,90 (0,84-0,98)
Tretafatorial [#]	1,04	0,98	0,96	1,00	0,03	0,01 (0,00-0,02)	915,9	0,76 (0,74-0,82)

Notas: p > 0,05. *Modelo proposto por Ribeiro, Koller e Camino (2002); #Modelo proposto por Sampaio, Guimarães, Camino, Formiga e Menezes (2011).

Vale destacar que todas as saturações (Lambdas, λ) estiveram dentro do intervalo esperado $|0 - 1|$, denotando não haver problemas de estimação proposta, com todas elas estatisticamente diferentes de zero ($t > 1,96, p < 0,05$). Tais resultados corroboraram a estrutura psicométrica composta por quatro fatores [Consideração Empática (CE), Angústia Pessoal (AP) e Tomada de Perspectiva (TP) e Fantasia (FS)] e que esta é a que melhor avalia a empatia assumida pelos sujeitos em termos multidimensionais. Estes fatores, por sua vez, apresentaram lambdas (λ) associativos positivos entre si, os quais foram de 0,33 a 0,51; deve-se também salientar que o cálculo dos alfas de *Cronbach* variaram de 0,70 a 0,84. Considerando os resultados da análise estrutural, pode-se destacar que o EMRI completo, composto pelos quatro fatores, apresenta melhor resultado em sua estrutura. Independente da quantidade dos componentes da escala em questão, a qual, comparando com a escala reduzida proposta por Ribeiro et al. (2002), a qual apresentou indicadores de ajuste inferiores, a escala proposta por Sampaio et al. (2011), permite, com isso, refletir na seguinte direção: 1 - Existe tanto uma consistência interna e estrutural da EMRI, com essa nova amostra, corroborando o estudo de Sampaio et al. (2011); essa condição, a partir dos indicadores psicométricos, garante a organização multifatorial item-fator da mensuração da empatia e que esta escala, pode ser usada quando se pretender avaliar esse construto em brasileiros salientados em sua formação com quatro fatores; 2 – também é destaque, que, ao se trabalhar com o construto empatia é importante a utilização de todos os fatores, contradizendo a concepção de Ribeiro et al. (2002), pois segundo estes autores a eliminação do fator fantasia foi justificado por causa de um problema metodológico e empírico, fato esse, que não procedeu no presente estudo.

Tal condição coloca em cena o papel da imaginação como uma contribuição, pelo menos, para se organizar cognitivamente o estar no lugar do outro, sentir o que o outro poderia sentir, etc. Em conformidade com Sampaio et al (2001), os resultados do presente estudo mais uma vez confirmam a hipótese de que à capacidade imaginativa relacionada ao construto da Fantasia tem sua importância no contexto brasileiro, no sentido que as pessoas têm uma tendência muito forte a se identificar e serem influenciadas por personagens fictícios de filmes, novelas e comerciais (p. 69), contribuindo, também, para o exercício cognitivo e social da empatia. De acordo com Camino e Cavalcanti (1998), a saliência no acesso a esse fator procura compreender os componentes cognitivos e afetivos da empatia. Para esses autores, a Fantasia sugere que, a partir da identificação com os personagens dos filmes, novelas, etc., ocorram uma potencial mobilização de afetos empáticos nas pessoas. Essa capacidade imaginativa contribui para que elas ajam, opinem e valorem, envolvendo um nível de processamento cognitivo, o qual pode ser capaz de mobilizar a predisposição a sentir empatia.

De forma geral, tanto o fator Fantasia da empatia quanto os demais, sugere que o ser humano é capaz de desenvolver um reconhecimento de uma situação e a preocupação com o outro, como uma espécie de ressonância interpessoal. Isto pressupõe que uma pessoa empática busque o respeito, a compreensão do outro e a participação no espaço sócio-cognitivo do observador no campo dos problemas do outro visando que, tanto quem precisa de ajuda quanto quem pode ajudar se disponha a aberturas do espaço interpessoal e afetivo capaz de estimular e simular convicções, desejos, percepções, se colocando no lugar do sentimento e emoção do outro.

Considerações Finais

Espera-se que o objetivo deste estudo tenha sido cumprido, principalmente, no que diz respeito à consistência e acurácia estrutural do instrumento analisado. Este, por sua vez, poderá ser empregado em áreas afins da psicologia, por exemplo: educação, assistência social, jurídica, etc. Porém, deve-se atentar que, tanto esse estudo quanto os desenvolvidos por Ribeiro et. al (2002) e Sampaio et al (2001) foram pesquisados em amostras brasileiros, merecendo destacar que ao considerar os resultados deste estudo em outros contextos sociais e políticos é necessário ter-se em conta os aspectos mais específicos ou universais de cada cultura. Por um lado, é importante considerar as dimensões locais, específicas ou exclusivas (emics) da orientação de cada cultura, bem como, e não menos importante, avaliar as dimensões universais (*etics*) da Cultura, com o objetivo de comparar os construtos estudados aqui para outro espaço geopolítico e social (Triandis et. al., 1993; Triandis, 1994; Van de Vijve & Leung, 1997; Muenjohn & Armstrong, 2007).

Esse fato aponta para a seguinte direção: conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico da teoria e mensuração da empatia, já que, hipoteticamente, é possível encontrar variações desse construto ao considerar diferentes variáveis (por exemplo, socialização familiar, religiosidade, sóciodemográfica, entre outras). Assim, seria importante reunir evidências da validade e precisão intra, inter e pan-cultural, capaz de avaliar a validade de critério ou convergente com construtos correlatos, conhecessem a estabilidade temporal (teste-reteste) e replicá-las com amostras maiores e diversificadas quanto às características dos participantes.

Referências

- Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia - ANPEPP. (2000). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS n.º. 196/96 e CFP N.º 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): <http://www.anpepp.org.br/XIISimp osio/Rel ComissaoEticasobre Res CNS e CFP.pdf>
- Bandeira, M., Costa, M. N., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5 (2), 401-412.
- Batson, C. D., Eklund, J. H., Chermok, V. L., Hoyt, J. L., & Ortiz, B. G. (2007). An additional antecedent of empathic concern: valuing the welfare of the person in need. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93 (1), 65-74.
- Batson, D. C., Tricia, R. K., Highberger, L., & Shaw, L. L. (1995). Immorality From Empathy-Induced Altruism: When Compassion and Justice Conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68 (6), 1042-1054.
- Bilich, F., Silva, R., & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3 (2), 93-122.

- Byrne, B. M. (1989). *A primer of LISREL: Basic applications and programming for confirmatory factor analytic models*. New York: Springer-Verlag.
- Camino, C. P. S. (1979). *Determinants cognitifs et sociaux du jugement moral*. Tese de Doutorado Não-Publicada. Universidade de Louvain, Bélgica.
- Camino, C., & Camino, L. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. In Z. D. Trindade & C. Camino (Eds.), *Cognição social e juízo moral* (Coletâneas da ANPEPP). (pp. 109-135). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.
- Camino, C., & Cavalcanti, M.G. (1998). Valores morais transmitidos por telenovelas brasileiras: Vale Tudo, Tieta e Salvador da Pátria. In: M.L.T. Nunes (Ed.). *Moral e TV*. (pp. 90-148). Porto Alegre: Evangraf.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de psicologia*, 5 (1), 71-93.
- Conselho Nacional de Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm.
- Davis, M. H. (1983). Measuring individual differences in empathy: Evidence for a multidimensional approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.
- Decety J., Michalska K. J., & Akitsuki, Y. (2008). Who caused the pain? A functional MRI investigation of empathy and intentionality in children. *Neuropsychologia*, 46 (11), 2607–2614.
- Decety, J., & Jackson, P. L. (2004). functional architecture of human empathy. *Behavioral and Cognitive Neuroscience Reviews*, 3, 71–100.
- Decety, J. (2005). Perspective taking as the royal avenue to empathy. In B. F. Malle e S. D. Hodges (Eds.), *Other minds: How humans bridge the divide between self and other*. (pp. 143–157). New York: Guilford Publications..
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Echer, I. C. (2005). Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13 (5), 754-757.
- Eisenberg, N., & Strayer, J. (1990). *Empathy and its development*. New York: Cambridge University Press.
- Enz, N., & Zoll, N. (2006). *Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK*. Recuperado em 23 de novembro de 2006, de www.nicve.salford.ac.uk/elvis/resources/empathy.

- Falcone, E. M. O., Ferreira, M. C., Luz, R. C. M., Fernandes, C. S., Faria, C. A., D'augustin, J. F., Sardinha, A. & Pinho, V. D. (2008). Inventário de Empatia (I.E.): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. *Avaliação psicológica*, 7 (3), 321-334.
- Falcone, E. M. O., Gil, D. B. & Ferreira, M. C. (2007). Um estudo comparativo da frequência de verbalização empática entre psicoterapeutas de diferentes abordagens teóricas. *Estudo de psicologia (Campinas)*, 24(4), 451-461.
- Galvao, L., Camino, C., Gouveia, V. V., & Formiga, N. S. (2010). Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: Validade fatorial e consistência interna. *Psico*, 41 (3), 399-405.
- Gouveia, V. V., Guerra, V. M., Santos, W. S., Rivera, G. A. & Singelis, T. M. (2007). Escala de Contágio Emocional: Adaptação ao contexto brasileiro. *Psico*, 38 (1), 45-54.
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E., & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and moral development: Implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press.
- Joreskog, K., & Sörbom, D. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.
- Kelloway, E. K. (1998). *Using LISREL for structural equation modeling: A researcher's guide*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Mehrabian, A., & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40 (4), 525-543. 1972.
- Motta, D. C., Falcone, E. M. O., Clark, C. & Manhães, A. C. (2006). Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. *Psicologia Estudo*, 11 (3), 523-532.
- Muenjohn, N., & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. *International Journal of Business and Information*, 2 (2), 265-283.
- Oliveira, I. C. S., & Rodrigues, R. G. (2005). Assistência ao recém-nascido: perspectivas para o saber de enfermagem em neonatologia (1937-1979). *Texto contexto – enfermagem*, 14 (4), 498-505.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36 (2), 127-134.
- Ribeiro, J., Koller, S. H. & Camino, C. (2002). Adaptação e validação de duas escalas de empatia para uso no Brasil. *Estudos de psicologia*, 18 (3), 43-53.
- Rique, J., Camino, C., Formiga, N. S., Medeiros, F. & Luna, V. (2010). Empatia e Perdão Interpessoal. *Interamerican Journal of Psychology*, 44 (44), 411-418.

- Sampaio, L. R., Monte, F. C., Camino, C., & Roazzi, A. (2008). Justiça distributiva e empatia em adolescentes do nordeste brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 275-282.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. S., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: ciência e profissão*, 29 (2), 212-227.
- Sampaio, L. R., Guimarães, P. R. B., Camino, C. P. S., Formiga, N. S. & Menezes, I. G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42 (1), 67-76.
- Saupe, R., & Budo, M. L. D. (2006). Pedagogia interdisciplinar: "educare" (educação e cuidado) como objeto fronteiro em saúde. *Texto contexto – enfermagem*, 15 (2), 326-333.
- Siqueira, M. M., Barbosa, N. C., & Alves, M. T. (1999). Construção e Validação Fatorial de uma Medida de Inteligência Emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15 (2), 143-152.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (1996). *Using multivariate statistics*. Needham Heights, MA: Allyn & Bacon.
- Tavares, C. M. M. (2006). A educação permanente da equipe de enfermagem para o cuidado nos serviços de saúde mental. *Texto contexto – enfermagem*, 15 (2), 287-295.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.
- Triandis, H. C., Mccusker, C., Betancourt, H., Iwao, S., Leung, K., Salazar, J. M., Setiadi, B., Sinha, B. P., Touzard, H., & Zaleski, Z. (1993). Na etic-emic analysis of individualism and collectivism. *Journal of cross-cultural psychology*, 24 (3), 366-383.
- Van De Vijver, F., & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Wispé, L. (1990). History of the concept of empathy. In: N. Eisenberg & J. Strayer (org), *Empathy and its development*. (pp 17-37). New York: Cambridge University Press.
- Woyciekoski, C. (2006). *Instrumentos de inteligência emocional de auto-relato medem alguma coisa que instrumentos de personalidade não medem?* Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.